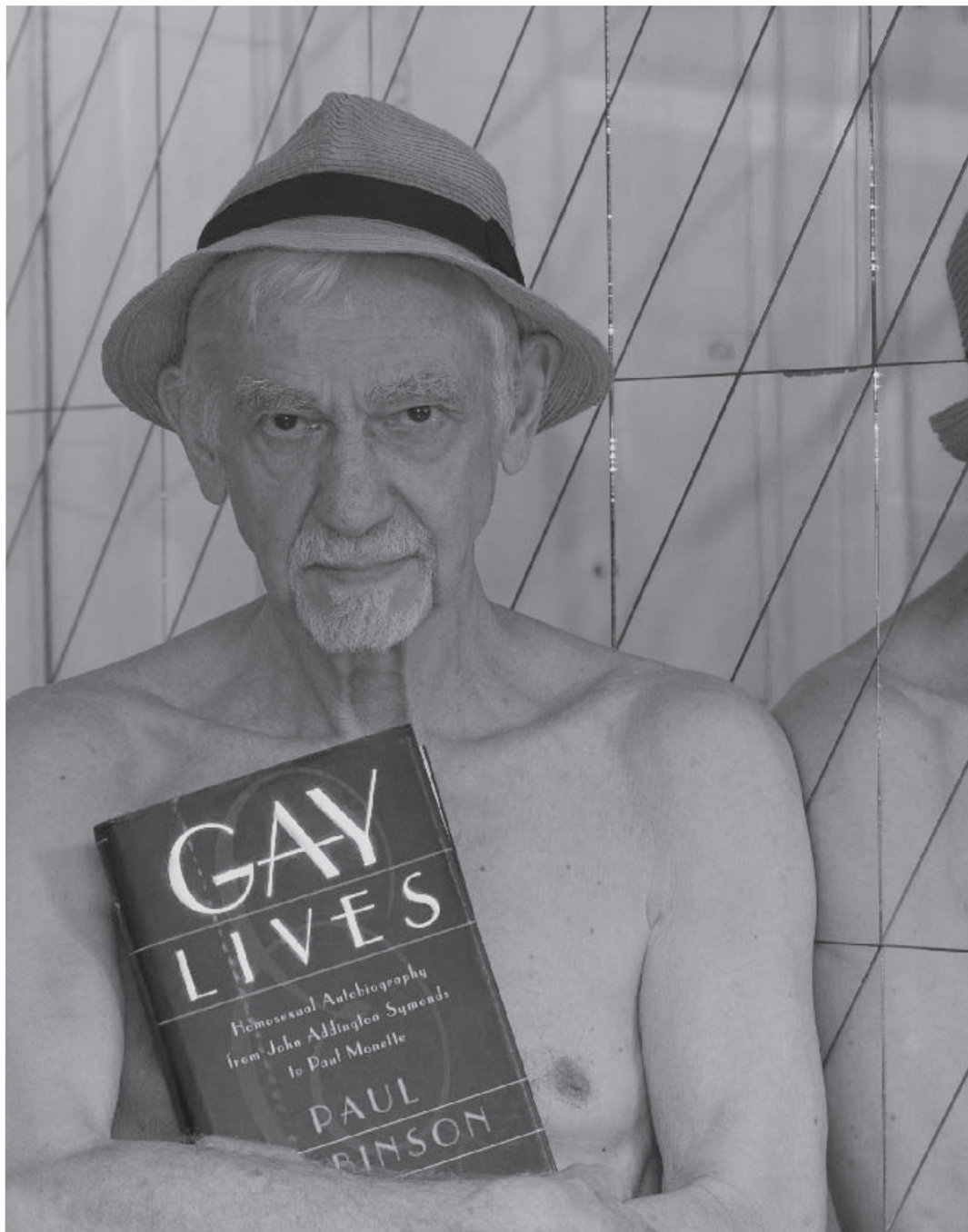




*Artigo  
da capa*

## **Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas**

[Artigo 1, páginas de 8 a 31]





**Carlos Eduardo Henning**

*Professor da Faculdade de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFG. E-mail: carloseduardohenning@gmail.com*

**Guíta Grin Debert**

*Professora do Departamento de Antropologia da Unicamp. E-mail: ggdebert@uol.com.br*



**Artigo 1**

Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas

**RESUMO**

Neste artigo apresentamos um olhar em perspectiva para as principais tendências surgidas em investigações que enfocaram velhice e gênero nas últimas décadas. A seguir, abordamos os desdobramentos mais contemporâneos desse campo, em especial os modos como velhice, gênero e mais recentemente sexualidade têm sido pensados a partir do “processo de erotização da velhice”. E, por fim, apresentaremos ainda algumas reflexões críticas sobre um campo relativamente recente na América do Norte, o qual, por sua vez, também mobiliza conhecimentos, discursos e políticas públicas associadas a velhice, gênero e sexualidade: a gerontologia LGBT.

**Palavras-chave:** gênero; sexualidade; erotização do envelhecimento; gerontologia LGBT.

**ABSTRACT**

*This paper aims to present the key trends that have emerged in researches regarding old age and gender in the last decades. It also address some of the main contemporary developments in this field, especially in what concerns the ways in which aging, gender, and more recently sexuality have been thought when the “process of eroticization of old age” is discussed. Finally, it also presents some critical reflections on a relatively new field in North America, which, in turn, also mobilizes knowledges, discourses and public policies associated with old age, gender and sexuality: the LGBT gerontology.*

**Keywords:** gender; sexuality; eroticization of old age; LGBT Gerontology.

## INTRODUÇÃO

As análises contemporâneas sobre envelhecimento estão crescentemente sensibilizadas pela compreensão de que existem inúmeras expressões sociais díspares de “velhice” – ou melhor, de *velhices*, no plural –, tendo em mente, por exemplo, que a inter-relação de marcadores sociais como gênero, etnicidade, “raça”, classe social, geração, localidade, nível educacional, identidades sexuais, entre outros, influencia e abre terreno para a promoção de experiências peculiares de envelhecimento. Assim sendo, este artigo visa apresentar criticamente o desenvolvimento de alguns debates na literatura que se debruça sobre *velhice, gênero e sexualidade*.

Dessa maneira, neste artigo primeiramente apresentaremos um olhar em perspectiva para as principais tendências surgidas em investigações que enfocaram velhice e gênero nas últimas décadas. A seguir, abordaremos os desdobramentos mais recentes desse campo, em especial os modos como velhice, gênero e mais recentemente sexualidade têm sido pensados a partir do “processo de erotização da velhice” (DEBERT & BRIGEIRO, 2012). E, por fim, apresentaremos ainda algumas reflexões críticas sobre um campo relativamente recente na América do Norte, o qual, por sua vez, também mobiliza conhecimentos, discursos e políticas públicas associadas a velhice, gênero e sexualidade: a *gerontologia LGBT* (HENNING, 2014).

## VELHICE E RELAÇÕES DE GÊNERO

Considerando as reflexões teóricas que se debruçam sobre gênero e envelhecimento nas últimas décadas, é possível constatar, em termos gerais, uma forte tentação de tornar uma oposição binária um dado, um estado da natureza, remetendo a uma suposta condição feminina universal, a hipotética universalidade da condição da velhice. Desta perspectiva, a teorização segue caminhos diversos, fechando o debate num círculo sem saída. O foco central, nesse caso, como mostra Debert (1994), é o de saber quem está melhor nessa etapa da vida, os homens ou as mulheres, e é importante realçar que não há uma unanimidade nas respostas apresentadas.

Para alguns autores, as mulheres na velhice experimentariam uma situação de dupla vulnerabilidade, com o peso somado de dois tipos de discriminação, como mulher e como idosa. Sendo a mulher, em quase todas as sociedades, valorizada quase exclusivamente por seu papel reprodutivo e pelo cuidado com as crianças, desprezo, desvalorização e desdém marcariam sua passagem à velhice. Essa passagem, antes

**Artigo 1**

Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas

de ser contada pela referência cronológica, seria marcada por uma série de eventos associados a perdas, como o abandono dos filhos adultos, a viuvez ou o conjunto de transformações físicas trazidas pelo avanço da idade. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, a esse conjunto de perdas se deve somar o subemprego, os baixos salários, o isolamento e a dependência que caracterizariam a condição das mulheres de mais idade.

Outros autores, no entanto, tendem a olhar com mais otimismo o envelhecimento feminino. A velhice feminina seria mais suave que a masculina, na medida em que a mulher não experimentaria uma ruptura em relação ao trabalho tão violenta como a dos homens na aposentadoria. Os vínculos afetivos entre filhos e mães seriam mais intensos e por isso os filhos estariam mais dispostos a cuidar delas que de seus pais idosos. Os controles sobre a mulher seriam afrouxados, posto que ela já não deteria a função de procriação e, mesmo nas sociedades em que são elas as transmissoras de herança, o controle sobre a mulher seria sempre maior ao longo de sua vida jovem e adulta que na velhice (GOODY, 1976; BROWN, 1982). Habitadas a mudanças drásticas em seu organismo e capacidade física por causa da procriação, da gravidez, da lactância e da menstruação, as mulheres teriam mecanismos que lhes permitiriam enfrentar melhor as transformações que ocorrem com o avanço da idade.

A hipótese de que a velhice é uma experiência homogênea funda a gerontologia, que, em termos sintéticos, poderia ser concebida como a ciência que estuda os velhos. A perspectiva que orientou os primeiros estudos na área considerava que os problemas enfrentados pelos idosos eram tão prementes e semelhantes que minimizavam as diferenças em termos, por exemplo, de etnicidade, classe, gênero, religião e sexualidade. Em oposição à noção de que essa etapa corresponderia a um acúmulo de sabedoria, a velhice era então pensada pela ideia



**A hipótese de que a velhice é uma experiência homogênea funda a gerontologia, que, em termos sintéticos, poderia ser concebida como a ciência que estuda os velhos.**

de ausência de papéis sociais – a sociedade moderna não prevê uma posição específica ou uma atividade para os velhos, abandonando-os a uma existência sem significado (BURGUSS, 1960). Os velhos seriam uma minoria desprivilegiada (BARRON, 1961), ou ainda, para Rose (1962), eles comporiam uma subcultura com um estilo próprio de vida que se sobreporia às outras diferenças como ocupação, sexo, religião ou identidade étnica.

Os anos de 1970 assistiram a uma revisão desse pressuposto. As diferenças de classe social, de etnicidade e de gênero dariam à experiência de envelhecimento, em uma mesma sociedade, conteúdos distintos que mereceriam investigação. Como afirmado anteriormente, a hipótese da diversidade é um convite a uma série de pesquisas preocupadas com a elaboração de medidores sofisticados e com a definição de instrumentos capazes de avaliar a qualidade de vida na velhice. Entretanto, a perspectiva que tem orientado a maioria desses trabalhos é a de que grupos sociais distintos se adaptam diferencialmente à experiência comum de envelhecimento e a tarefa então passa a ser a de propor explicações para as diferenças constatadas. No que diz respeito a gênero e envelhecimento, a tendência das pesquisas que enfatizam os fatores psicológicos na velhice é a de considerar que a androginia caracterizaria as etapas mais avançadas da vida.

Dessa forma, papéis sociais, valores e atitudes considerados tipicamente masculinos ou femininos tenderiam a se misturar na velhice. Ou ainda, o envelhecimento envolveria uma “masculinização das mulheres” e uma “feminização dos homens”, de forma que as diferenças de gênero se dissolveriam na “normalidade unissex da idade avançada”. Homens idosos desenvolveriam atitudes mais afetivas que os jovens e as mulheres, por sua vez, atitudes mais assertivas. A divisão tradicional do trabalho doméstico em tarefas masculinas e femininas tenderia a diminuir com a idade e alguns autores explicam essa convergência como um produto das mudanças hormonais. Nessa visão, a androginia, portanto, caracterizaria as etapas mais avançadas da vida. Assim sendo, ao olharmos em retrospectiva aos debates pretéritos de boa parte das pesquisas sobre gênero e velhice, é possível constatar que elas estiveram, em termos gerais, voltadas para a reflexão sobre as diferenças entre homens e mulheres nessa etapa da vida e o foco central era o de saber quem se adapta melhor a essa etapa da vida. E a velhice, nesse caso, era tida como envolvendo um caráter imutável e universal, independente das transformações históricas e das dimensões



**Artigo 1**

Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas

**1** Para um desenvolvimento desta questão, consultar Debert (1994, 1999).

**2** Um exemplo desse espriamento do “processo de erotização da velhice” para além do campo sexológico/gerontológico pode ser vislumbrado a partir de dois personagens velhos: Bernarda e Lutero, da popular telenovela “Amor à vida”, escrita por Walcyr Carrasco e que esteve no ar no “horário nobre” da Rede Globo entre os anos de 2013/2014. Os personagens interpretados por Nathália Timberg e Ari Fontoura, ambos na casa dos 80 anos, desenvolvem um relacionamento erótico-afetivo, o que inclui a referência explícita a uma noite de sexo entre ambos (questão que não ocorre sem a resistência de membros da família de Bernarda) e, ao fim da novela, se casam. O autor da novela chegou inclusive a afirmar que criou os personagens como uma maneira de dizer que os velhos mantêm uma vida sexual ativa assim como as pessoas mais jovens. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/quanto-drama/tag/bernarda/>. Acesso em: 9 jan. 2014 às 17:05.

socioculturais que têm caracterizado a reflexão histórica, sociológica e antropológica sobre a velhice ou sobre os demais períodos em que a vida se desdobra em diferentes contextos<sup>1</sup>.

Em outras palavras e sumarizando tais debates, seria possível afirmar que essas pesquisas sobre gênero e velhice, em boa parte, estiveram voltadas para a reflexão sobre as diferenças entre homens e mulheres nesse momento da vida e o foco central tendeu a ser o de saber quais, entre eles, se adaptariam melhor à velhice. No entanto, ao voltarmos nosso foco para debates mais recentes, ganham destaque as análises e reflexões sobre o modo como a sexualidade é vivenciada na velhice de homens e mulheres, em particular naquilo que Debert e Brigeiro (2012) chamaram de um “*processo de erotização do envelhecimento*”.

**GÊNERO E O “PROCESSO EROTIZADOR DA VELHICE”**

A conjuntura atual de reflexões sobre erotismo e sexualidade de homens e mulheres velhos tem sofrido significativas alterações. Parte-se de um cenário em que o erotismo dos velhos parecia *a priori* concebido como arrefecido ou, no extremo, como nulo – tal qual presente no “*mito da velhice assexual*” – para, como contextualizam Debert e Brigeiro (2012), um processo de inclusão quase obrigatória da velhice no curso da vida sexual. Nesse processo, a sexualidade na velhice de homens e mulheres torna-se um elemento ideal e defendido para que todos alcancem um envelhecimento positivo e bem-sucedido. Este tem sido o discurso propagado por uma parte significativa de gerontólogos, sexólogos, assim como de outros especialistas, o qual vem sendo progressivamente reverberado também pelos meios de comunicação de massa<sup>2</sup>.

Enfatizando as transformações discursivas relacionadas à sexualidade na velhice, Debert e Brigeiro (2012) afirmam que nas últimas décadas têm surgido novos discursos que mesclam saberes gerontológicos e sexológicos, os quais estão alterando esse cenário anterior visto como de apagamento da sexualidade de velhos e velhas. Tais novos discursos rompem com as concepções pregressas e se fundam, por sua vez, na valorização e na centralidade da atividade sexual na velhice como parte das prescrições gerais para se alcançar envelhecimentos “saudáveis”, “positivos” e “bem-sucedidos”. Dessa maneira, esses discursos, segundo os autores, instaurariam um “processo de erotização da velhice”. Portanto, partiríamos de um enfoque mais antigo e culturalmente disseminado ilustrado pela



**É digno de nota que esse contexto de transições na imaginação da sexualidade na velhice, por sua vez, está imerso em um cenário mais amplo de deslocamentos nos sentidos que o erotismo, em boa parte das sociedades ocidentais contemporâneas, parece estar ganhando.**

frase “os velhos não têm vida sexual” para outra sentença do tipo “os velhos precisam ou devem fazer sexo para que alcancem uma vida plena e positiva”.

É digno de nota que esse contexto de transições na imaginação da sexualidade na velhice, por sua vez, está imerso em um cenário mais amplo de deslocamentos nos sentidos que o erotismo, em boa parte das sociedades ocidentais contemporâneas, parece estar ganhando. Em outras palavras, partiríamos de uma concepção de transgressão e subversão das convenções de gênero e sexualidade para uma nova disposição em direção a atrelar o cultivo do erotismo à qualidade de vida, ao cuidado saudável e responsável do corpo, sendo visto como uma ferramenta para o fortalecimento do *self* (GREGORI, 2004, p. 235). Nesse ínterim, portanto, ocorreria uma espécie de esvaziamento do caráter subversivo do erotismo pregresso em prol de um “erotismo politicamente correto”, o qual, por sua vez, o estipularia como um âmbito não apenas possível, mas também desejável e aconselhável disseminadamente a todos (IBID., p. 247).

E na análise desses novos discursos erotizadores da velhice, Debert e Brigeiro (2012) afirmam que, como parte das prescrições para um envelhecimento satisfatório, essa literatura sugeriria uma espécie de inversão do que seria considerado típico da sexualidade feminina e masculina. Nessa tarefa, uma das vias propostas especialmente pela gerontologia e pela sexologia é a *desgenitalização da sexualidade masculina*. Insistir-se-ia, nesse caso, na importância de os homens na velhice começarem a explorar novas áreas de prazer em seus corpos. Em outras palavras, gerontólogos e sexólogos defenderiam uma exploração da sexualidade masculina na velhice em termos mais complexos e difusos – não meramente centrados na ideia de um sexo penetrativo e genital –, características essas que seriam reconhecidas como típicas do universo feminino.



**Artigo 1**

Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas

Assim, no caso das mulheres, um dos caminhos defendidos pela literatura para a manutenção da atividade sexual na velhice seria o questionamento dos códigos morais mais restritivos que supostamente teriam fundamentado o seu aprendizado da sexualidade. Por exemplo, a literatura estimularia que as mulheres na velhice deixem de vincular a prática sexual ao desejo de seu parceiro e passem a associá-la aos seus próprios desejos. Ademais, afirma-se também que a velhice traz consigo para as mulheres a possibilidade de liberar-se da preocupação com os filhos, assim como afastar-se de um olhar controlador da sociedade sobre a sexualidade feminina, para que dessa maneira elas possam assumir abertamente o seu interesse pelo sexo (IBID.).

No passado considerou-se que a velhice era inquestionavelmente um momento de diminuição inevitável e universal da atividade sexual. Esta visão moldou a expectativa de que os indivíduos deviam ajustar-se a esse imperativo para assim aproveitar os benefícios morais da maturidade pós-sexual. A sabedoria do século XIX, por exemplo, postulava que um estilo de vida prudente devia aceitar essa diminuição. A associação entre rejuvenescimento e restauração das funções sexuais é antiga e já se encontra nas propagandas de poções e terapias, vistas naquele momento como charlatanismo ou no mínimo como práticas questionáveis e com má reputação (e é interessante notar que naquele momento a hostilidade em relação ao rejuvenescimento foi engendrada sobretudo por sua associação ao sexo).

O panorama atual configura-se de modo distinto: a inclusão da velhice no curso da vida sexual é um imperativo que marca a reflexão dos especialistas sobre o tema. A respeito das discriminações identificadas contra as pessoas mais velhas, considera-se que reprimir sua sexualidade seria próprio de sociedades como as nossas. Tal repressão não apenas seria exercida pelos mais jovens, mas também por parte das próprias pessoas mais velhas. Independentemente do enfoque conceitual



**No caso das mulheres, um dos caminhos defendidos pela literatura para a manutenção da atividade sexual na velhice seria o questionamento dos códigos morais mais restritivos que supostamente teriam fundamentado o seu aprendizado da sexualidade.**

adotado, a maioria das publicações em questão menciona a existência de uma concepção do fim da vida sexual na velhice, a qual é considerada pela literatura em questão uma concepção generalizada e equivocada.

Na maioria das vezes, esse tipo de enunciado vem acompanhado de uma reflexão sobre o caráter da sexualidade na velhice. Apesar da diminuição de sua frequência – reconhecida, em termos gerais, empiricamente –, o empenho das argumentações reside em mostrar que a sexualidade é algo muito mais amplo que o mero ato de copular. De acordo com essa literatura, se por um lado a sexualidade tem pouco ou nada a ver com a idade, por outro lado a velhice exigiria novas maneiras de experimentá-la tanto para homens quanto para mulheres.

Na literatura brasileira analisada por Debert e Brigeiro (2012), essa ampliação das zonas erógenas ou de prazer aparece nos relatos das próprias pessoas idosas, mas destaca-se principalmente nos conselhos ou nas prescrições dos especialistas. Como aparece no discurso de vários especialistas, a desgenitalização da sexualidade na velhice aparece em especial associada aos homens. Para tais especialistas, comparados com as mulheres, os homens velhos seriam geralmente mais limitados em sua concepção de sexualidade, tendendo a concentrar seus interesses na região genital e a limitar suas práticas, muitas das vezes, ao recurso da penetração. Dessa forma, a prescrição de um redescobrimento de outras partes “sexualizadas” do corpo na velhice recairia sobretudo sobre os homens, deixando subentendida a tendência às crescentes dificuldades quanto a capacidades de ereção no avançar da idade.

Ademais, os homens velhos são também descritos pela literatura como mais interessados pelo sexo, possuindo uma frequência maior de relações sexuais em comparação com as mulheres. Já as conclusões sobre o universo feminino, por sua vez, são que elas apresentariam menores dificuldades em relação à vida sexual na velhice, uma vez que sua sexualidade, segundo indicam, sempre teria sido mais complexa e “menos localizada”. Quando elas afirmariam um desinteresse por relações sexuais, o trabalho de intervenção implicaria uma reeducação sexual no sentido de uma “liberação da repressão”. De acordo com tais estudos e ensaios, a atividade sexual feminina dependeria muito da intenção masculina (IBID.).

A diminuição da atividade sexual das mulheres na velhice, como apontam os autores, estaria associada ao surgimento de enfermidades em seus cônjuges, ao desinteresse destes e também pelo maior índice de mortalidade masculina e pela expectativa de vida inferior por parte dos homens. Os dados sustentariam que, bem além de se mostrarem

**Artigo 1**

Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas

menos interessadas por sexo, tais mulheres velhas tiveram uma socialização marcada por um controle maior da sexualidade quando eram jovens, o que dificultaria o pleno desfrute da sexualidade na velhice. Portanto, segundo a literatura, as mulheres na velhice deveriam trabalhar em prol de derrubar suas limitações acerca de tais aspectos para que elas possam ter uma “vida sexual plena”. A velhice, dessa forma, seria um momento particularmente propício para a liberação sexual, na medida em que as experiências acumuladas com o fim das funções reprodutivas (em especial a ausência do cuidado com filhos pequenos ou de responsabilidades relativas a família muitas vezes extensa) permitiriam o distanciamento de um conjunto de convenções restritivas relacionadas ao mundo feminino.

Contudo, como pontuam, Debert e Brigeiro (2012), a batalha que a gerontologia e a sexologia empreendem contra a ideia de que a velhice e a sexualidade não são mutuamente exclusivas não é uma tarefa fácil. E tais autores apontam que tal batalha se daria em ao menos três direções: contra o *senso comum*, contra a *indústria farmacêutica* e, por fim, contra a *concepção de uma parte significativa das próprias pessoas velhas* no que diz respeito a sua associação com o sexo e suas obrigações.

No que diz respeito à batalha desse campo sexo-gerontológico contra o senso comum, o qual desassocia, *a priori*, velhice e sexualidade, Julio Simões afirma que:

O declínio do desejo, a perda da atratividade física e o virtual apagamento como pessoa sexuada está entre as principais marcas e condições do envelhecimento que sustentam, em grande parte, o repúdio e o medo generalizado do corpo em degradação e, em contrapartida, a avaliação positiva que se faz da juventude (2004, p. 417).

Já no que diz respeito ao embate contra certos pressupostos da indústria farmacêutica, Debert e Brigeiro (2012) apontam que a defesa sexo-gerontológica em prol de uma ampliação das potencialidades da sexualidade humana, de uma desgenitalização dos corpos e de uma inversão das convenções da sexualidade masculina e feminina entraria em choque com o acento que essa indústria dá ao tratamento e às terapias de combate às disfunções sexuais advindas com o avanço da idade, os quais, por fim, centram sua atuação na manutenção da penetração como se esta fosse o núcleo das preocupações do casal (vide o surgimento do Viagra e de medicamentos congêneres<sup>3</sup>, assim como cirurgias de implantação de próteses penianas, etc.).

**3** Consultar Brigeiro e Maksoud (2009) e Russo e Tramontano (2013).



**As questões relativas à vida sexual constituíam para elas um assunto difícil de ser abordado, embora o sexo entre velhos ou entre estes e os jovens fosse um tema privilegiado das piadas, as quais produziam entre elas muitas gargalhadas.**

O “processo de erotização da velhice”, contudo, entraria também em conflito com uma parcela significativa dos setores mais velhos da população (IBID.). As investigações com grupos de senhoras de “terceira idade”, por exemplo, mostram que elas afirmavam estar vivendo a melhor etapa de suas vidas, posto que, entre outras coisas, a velhice lhes teria permitido liberar-se das obrigações do sexo. As mulheres entrevistadas por Debert (1999), por exemplo, mostravam-se entusiasmadas com as mudanças na sociedade brasileira quanto à situação da mulher, em particular das mulheres velhas.

Diferentemente de suas mães e avós, elas já não precisavam vestir-se de negro e manter-se em casa à espera da visita dos filhos e netos. Elas atualmente gozam de uma liberdade inusitada para as velhas de antigamente e também para as mulheres mais jovens. A participação nas atividades dos programas para a “terceira idade” era por elas vista como uma oportunidade para envolver-se em atividades motivadoras, ampliar seu grupo de amigos e seu repertório de conhecimentos, explorar novas identidades e novos estilos de vida. As questões relativas à vida sexual constituíam para elas um assunto difícil de ser abordado, embora o sexo entre velhos ou entre estes e os jovens fosse um tema privilegiado das piadas, as quais produziam entre elas muitas gargalhadas. Expressões como: “*Deus me livre, arrumar um namorado agora que já estou com 65 anos!*” provocavam um acordo ativo e entusiasmado entre elas, como se o avanço da idade tivesse propiciado sua libertação de mais essa “tarefa”. Para elas, a noção de sexo parecia concebida como uma espécie de obrigação, muitas vezes incômoda, integrante das prerrogativas da vida conjugal.

Já nas associações de aposentados, nas quais o público masculino é majoritário, combater os preconceitos em relação à velhice era mostrar que seus participantes mantinham a lucidez e sabiam criticar os governos, os políticos e as interpretações equivocadas realizadas pelo que a mídia produzia sobre os diferentes aspectos da vida social



## **Uma das peculiaridades postas em primeiro plano por várias etnografias sobre diferentes grupos de velhos é a expressiva comicidade em relação aos temas do envelhecimento e à sexualidade.**

brasileira. Como afirma Julio Assis Simões (2000), muitos desses velhos criticavam os programas para a “terceira idade” – chamados por alguns de “*playground de velhos*” –, pois estes desviariam os aposentados e pensionistas de seus reais interesses. Outros – principalmente aqueles que tinham interesse em desenvolver uma carreira política – eram mais respeitosos com relação a esses programas e propunham planos para unir outras atividades ao trabalho das associações (tais como passeios, bailes e outras atividades físicas).

Já na investigação de Andrea Moraes Alves (2004) – a qual se realizou em bailes da cidade do Rio de Janeiro nos quais mulheres de 60 anos de idade ou mais contratam homens jovens e de origem modesta para acompanhá-las como companheiros de dança – a autora demonstra que a erotização dos corpos que era desenvolvida por suas interlocutoras não implicava necessariamente a busca por relações sexuais. Como afirma uma de suas informantes: “Mulher nova não aguenta ficar sozinha. Eu só estou aguentando depois dos 65 anos, quando meus hormônios me deixaram em paz” (IBID., p. 107). A autora mostra que as mulheres por ela investigadas cuidam de seu corpo aplicando um conjunto de técnicas que vão desde a compra de vestidos, maquiagem e acessórios para o baile, passando por dietas e exercícios físicos até chegar a cirurgias e tratamentos cosméticos. Entretanto, encontrar um namorado não é visto por elas como uma motivação para participar dos bailes: “*O que primordialmente se espera da relação com os cavalheiros de aluguel é que eles ajam como cavalheiros no salão: corteses, gentis e bons dançarinos. Não se espera deles, ao menos não explicitamente, que sejam namorados em potencial*” (IBID., p. 142).

Uma das peculiaridades postas em primeiro plano por várias etnografias sobre diferentes grupos de velhos é a expressiva comicidade em relação aos temas do envelhecimento e à sexualidade. Mauro Brigeiro (2000), por exemplo, em seu estudo etnográfico sobre uma rede de sociabilidade composta exclusivamente por homens velhos, mostra

que as representações de gênero evidentes nas conversas desses homens e em suas brincadeiras expressavam a visão assimétrica que ordena as relações masculino/feminino. Em diversas situações seus informantes – muitas vezes entremeando – consideravam as mulheres objetos figurativos das proezas e conquistas masculinas. As performances exibidas por eles demonstram que as práticas relacionadas com a sexualidade permanecem centrais entre eles e se mantêm ao longo de suas vidas. De acordo com o investigador: *“Entre os senhores estudados parece se exercer um modelo de masculinidade hiperviril”* (IBID., p. 93).

De acordo com o autor, a valorização da expertise sexual e o seu desempenho também se apoiam (mesmo que não exclusivamente) na expectativa do coito, dependente da capacidade erétil. Entretanto, mesmo assim as práticas e os discursos desses velhos não pareciam influenciados pelos ditames dos especialistas sobre a sexualidade na velhice. Por meio de suas brincadeiras jocosas e de suas práticas sexuais, eles expressam a importância e a possibilidade da sexualidade em suas vidas, no entanto desvinculada da ideia de um novo projeto. Nesse caso, a importância da sexualidade está associada à tentativa de continuidade dos interesses e valores da masculinidade e a um movimento mais geral de resistência contra a velhice incapacitante.

As informações etnográficas apresentadas evidenciam, de acordo com Debert e Brigeiro (2012), as dificuldades da gerontologia, não apenas em empreender uma batalha contra certos pressupostos da indústria farmacêutica e da medicina sexual (que resumem a sexualidade ao combate às “disfunções”), mas também em convencer velhos e velhas de que a vida sexual não se extingue com a chegada da velhice e de que, se a frequência diminuir, o envelhecimento permitiria uma intensificação do prazer: o corpo masculino repleto de zonas erógenas ainda a serem desenvolvidas e as mulheres libertando-as das restrições de uma moralidade que lhes impediria de desfrutar a sexualidade em toda a sua potencialidade.

Dessa forma, é possível constatar que velhas e velhas apresentados nas etnografias não parecem interessados nos esforços que a gerontologia e a sexologia tentam promover ao advogar a ampliação das potencialidades da sexualidade humana e nem sequer mencionam quaisquer possibilidades de desgenitalização do corpo ou de inversão dos papéis masculinos e femininos anunciadas por essas disciplinas como algo positivo e um benefício promovido pela experiência de envelhecimento.



**Artigo 1**

Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas

Uma piada aqui parece expressar bem a visão que ainda prevalece entre boa parte desses velhos e velhas:

*Casados há 30 anos, um casal com dificuldades sexuais decide consultar um médico especialista que lhes diz: “Muitos casais com esse tipo de dificuldade resolvem o problema com um prótese peniana”.*

*O marido então pergunta: “A prótese realmente resolve o problema? Quanto custa?”*

*O médico responde: “Cobro 10 mil por uma prótese pequena, 25 mil para uma de tamanho médio e 50 mil pela grande”.*

*O marido se dirige à esposa e lhe pergunta: “Querida, o que você acha?”*

*A esposa pensa um pouco e responde: “Ah, se é para gastar 50 mil eu prefiro reformar a cozinha!”*

Como demonstraram Debert e Brigeiro (2012), os modelos estabelecidos pela gerontologia podem ainda parecer irrealistas para amplos segmentos envelhecidos da população. A partir dos exemplos etnográficos citados tornam-se evidentes as dificuldades que a gerontologia enfrenta para promover a erotização da velhice. Entretanto, como apontam os autores, é preciso avaliar em médio e curto prazos os significados do impacto do erotismo politicamente correto e visto como central para o bom cultivo de si e para uma “velhice bem-sucedida” sobre as novas gerações de idosos, em particular entre os *babyboomers*, os quais estão envelhecendo em um contexto nacional que valoriza o culto à beleza, à juventude e à sexualidade, assim como em um mundo que associa a qualidade de vida e a felicidade com uma vida sexual gratificante.

Por fim, um elemento que tais autores apontam como muito expressivo na crítica aos limites desse processo de erotização do envelhecimento pelos discursos gerontológicos recentes é que tal erotização teria um viés claramente heteronormativo. Ou seja, essa erotização valorizada e alçada ao *status* de índice de um envelhecimento bem-sucedido privilegiaria meramente as relações entre velhos e velhas heterossexuais e em particular aquelas relações limitadas às dinâmicas da conjugalidade monogâmica. A associação, por exemplo, entre velhice e homossexualidade ou entre velhice e experiências transgêneros é algo praticamente inexistente nessa literatura. E tal ausência é surpreendente sobretudo em um contexto como o brasileiro, o qual conta com uma das maiores Paradas LGBT (Lésbicas, Gays,

Bissexuais e Transgêneros) do mundo, a da cidade de São Paulo, e com uma ampliação significativa do debate acerca do reconhecimento dos direitos das, assim ditas, “minorias sexuais”.

### VELHICE E DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO

Como afirma Carlos Eduardo Henning (2014), em sua tese *Paizões, tiozões, tias e cacuras: envelhecimento, meia-idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*, haveria uma tendência a um apagamento, pela gerontologia *mainstream*, das experiências de envelhecimento e velhice que questionem as (ou escapem das) convenções heterossexuais. Esse apagamento sistemático de velhices tidas como “não heterossexuais” ou “não cisgênero” o autor afirma se consubstanciar em um *panorama heteronormativo sobre a velhice*, o qual ainda se mantém vigente em boa parte dos estudos gerontológicos atuais.

Em certos aspectos, é quase como se “velhice” e “homossexualidade” fossem noções impossíveis de serem associadas. E isso poderia se dar, entre outras razões, pelas representações provenientes do senso comum que vinculam a velhice à ausência de vida sexual, assim como, em contrapartida, pela associação oposta entre homossexualidade e os estereótipos de promiscuidade e vida sexual abundante. Nesse ponto de vista, portanto, não seria possível que existissem “homossexuais velhos”.

Em certos aspectos os velhos e as velhas LGBT poderiam ser vistos como duplamente ignorados, tanto pelos gerontólogos quanto pelos movimentos sociais LGBT, os quais, em termos gerais, manteriam suas bandeiras e agendas políticas marcadamente centradas em adultos jovens, assim como nos de meia-idade. Nessa direção seria possível afirmar também que a agenda de reivindicações dos “velhos LGBT” no contexto dos movimentos sociais no Brasil é, em grande medida, algo praticamente inexistente, salvo a atuação de alguns ativistas isolados. Ademais, essa situação não deixaria de ser algo paradoxalmente triste quando consideramos que muitos desses velhos e velhas homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais foram alguns dos pioneiros dos “movimentos de liberação gay”. No momento atual, ao adentrarem na velhice, esses pioneiros se veriam ignorados e sem apoio tanto pelos movimentos sociais que auxiliaram a constituir quanto pelos profissionais do campo da gerontologia social.

No entanto, destoando desse cenário, ao menos na América do Norte, um campo que tem desafiado frontalmente ao panorama heteronormativo sobre a velhice e que tem fomentado o debate sobre

**Artigo 1**

Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas

envelhecimento e identidades sexuais e de gênero é a gerontologia LGBT. Conforme apontado por Henning (2014), esse campo teria raízes antigas que remontam a fins da década de 1960 e tem denunciado desde então o apagamento das questões e problemáticas específicas de velhos e velhas LGBT. Ao mesmo tempo, tal campo gerontológico tem contribuído decisivamente para ampliar as visões acerca da pluralidade de experiências de envelhecimento, em particular no que diz respeito a questões de gênero e sexualidade.

De acordo com essa literatura, os velhos LGBT necessitariam do desenvolvimento urgente de políticas públicas específicas, uma vez que eles tenderiam a viver mais sozinhos que a média populacional, considerando que somente um quarto deles teriam filhos e muitos teriam rompido relações com suas famílias de origem. Elementos esses que dificultariam sobremaneira a constituição de redes de apoio social e de cuidado na velhice. De acordo com tal literatura, tais características somadas ao “duplo estigma” (o da velhice e o da homossexualidade) seriam questões que trariam desafios extras e substanciais para tais velhos. Esse campo também aponta que estatisticamente os velhos LGBT correriam um risco maior de cair na pobreza ao adentrarem na velhice, assim como o de se tornarem “sem teto”. Em suma, essa literatura frequentemente denuncia que tais velhos viveriam a conjunção de várias discriminações, questões que promoveriam desafios sobressalentes quando comparadas com a média populacional abrangente.

Além disso, esse braço da gerontologia na América do Norte tendeu também, ao longo de sua história, a oscilar entre representações sociais bastante negativas e outras marcadamente positivas acerca dos envelhecimentos desses indivíduos. Do lado positivo, a literatura argumenta, entre outras questões, que na ausência muitas vezes do apoio das famílias de origem haveria a criação de redes de amizade que funcionariam como uma espécie de família de adoção. Nessas redes de suporte baseadas na amizade prevaleceria a solidariedade tanto na velhice como na doença – como foi possível constatar, em grande medida, com a crise epidêmica do HIV/Aids. E a literatura pontua igualmente a possibilidade de um acúmulo de bens materiais e financeiros dada a relativa ausência de despesas, por exemplo, com filhos. E conjuntamente a essa tensão pendular no campo, a ideia de quem se adaptaria melhor à velhice – se os heterossexuais ou os homossexuais – marcou intensamente e por bastante tempo o campo em questão. Aliás, esse debate, embora arrefecido, permanece sem uma resposta consagrada.



**O pressuposto de muitos desses trabalhos, portanto, é de que distintos grupos sociais se adaptam diferencialmente à experiência comum de envelhecimento, propondo explicações para as diferenças constatadas.**

Um dos elementos dignos de nota em relação a essa literatura, porém, é a sua escolha por focar mais as eventuais diferenças entre envelhecimentos de “homossexuais” e “heterossexuais”, em detrimento de possíveis comunalidades. Assim, em termos gerais, a gerontologia LGBT tende a difundir um enfoque analítico de tom mais diferencialista. E outro ponto notável na literatura é a relativa ausência de crítica e desconstrução dos binarismos de gênero e sexualidade, especialmente no que se refere à oposição homossexual x heterossexual.

Em outras palavras, refletindo sobre a maneira como os sujeitos dessa literatura são por ela constituídos, é necessário pôr em primeiro plano o fato de que categorias identitárias a eles atribuídas – como “velhice” e “homossexualidade” – se tornam amiúde elementos pouco problematizados, ou mesmo, em casos extremos, como associações reificantes ou essencializadas. A isso, Henning (2014) chamou de um “imperativo identitário” na literatura em questão. Ou seja, uma expectativa de que toda e qualquer pessoa idosa com práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo necessariamente se conceberia – ou seria bom e aconselhável que o fizesse – em termos de identidades homossexuais.

O pressuposto de muitos desses trabalhos, portanto, é de que distintos grupos sociais se adaptam diferencialmente à experiência comum de envelhecimento, propondo explicações para as diferenças constatadas. E, nessa perspectiva, a orientação sexual seria, por vezes, considerada estável, essencialista e mensurável. A complexidade das identidades é dissolvida na oposição binária homossexual x heterossexual, perdendo de vista a plasticidade histórico-cultural de tais categorias e, portanto, seu potencial de transformação e sua instabilidade.

**Artigo 1**

Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas

Dessa maneira, considerando a crítica a essa ênfase diferencialista e esse imperativo identitário, podemos trazer novamente à baila a etnografia de Henning (2014), a qual enfocou homens na meia-idade e na velhice, os quais mantinham práticas sexuais homoeróticas, sendo que alguns deles não se concebiam como homossexuais. Parte desses homens, aliás, mantinha casamentos com esposas há décadas, possuindo filhos e até netos mantendo seus interesses e práticas homoeróticas em segredo. Do ponto de vista desses interlocutores não existiriam propriamente “velhos” – haja vista que o “velho” costumava ser apontado como sendo sempre o outro, as “mariconas que se deixam envelhecer”, as “bichas caquéticas” ou aqueles que teriam “desistido da vida” – e a ideia mesma de uma autoidentificação como homossexual parecia descabida ou incongruente com anseios, práticas e percepções de si da parte desses homens. Tais entrevistados, portanto, encontravam-se imersos em uma pluralidade de categorias, formas de identificação e de diferenciação social as quais fugiam dos modos tradicionais de categorização fomentados sobretudo após os movimentos de liberação homossexual.

Ao tomarmos essas questões, sob o prisma dos interlocutores de campo de Henning, as pretensas estabilidade e coerência semânticas dos sujeitos da gerontologia LGBT – as quais justamente se sustentam por meio de esteios ontológicos tais como “velho” e “homossexual” – pareciam frequentemente se desvanecer e perder sua consistência discursiva. Tal questão faz emergir a constatação de que esses novos sujeitos envelhecidos, tidos como dados e substantivos, na verdade mostram-se mais frágeis e diáfanos do que suporia, de antemão, a referida literatura. Além do mais, as formas como tais homens atuam, negociam e se movem em relação aos processos classificatórios e localizacionais êmicos relativos a envelhecimento, homoerotismo e identidades homossexuais, cabe destacar, são um elemento ainda virtualmente ausente de atenção na gerontologia LGBT.

Assim sendo, o processo de criação dos “velhos LGBT” e da “velhice LGBT” pelo campo em questão está distante de dar conta da multiplicidade de situações, jogos identificatórios e experiências sociais que associam envelhecimento, práticas sexuais e identidades sexuais e de gênero. Enquanto essa literatura se direciona a construir uma experiência pretensamente compartilhada, generalizável e, em determinados aspectos, universal entre sujeitos que sobrepassariam uma certa idade e que se afirmariam investidos de tal ou qual identidade

sexual ou de gênero, os sujeitos com os quais Henning conviveu e entrevistou constantemente negociavam, questionavam ou mesmo confrontavam, em seus relatos, essa pretensa unidade e totalidade estipuladas.

Tendo em mente tais ponderações críticas, por mais que a gerontologia LGBT venha carregando consigo uma ênfase identitária e diferencialista, ela poderia também ser vista como tendo contribuído decisivamente para a ampliação dos limites imaginativos da ideia de “velhice”, ao menos para além de um panorama heteronormativo. Entretanto, em decorrência desses e de outros fatores, tais literatura e campo de gestão prática da velhice parecem atuar inadvertidamente em prol da contenção da pluralidade, multiplicidade e proliferação virtualmente irrefreável de experiências sociais quando estão em jogo envelhecimento, velhice, práticas sexuais homoeróticas e identidades sexuais.

Por fim, é preciso ter em mente também que no Brasil ainda não existe nada consolidado e desenvolvido nos moldes de uma “gerontologia LGBT” como na América do Norte. Apesar disso, é possível afirmar que já existe um conjunto consolidado de investigações – em especial socioantropológico –, o qual tem atentado para a diversidade sexual e de gênero na velhice na última década. Nesse campo, pesquisas como as de Simões (2004) e Henning (2014), por exemplo, procuram desenvolver diálogos críticos com a autores da gerontologia LGBT na abordagem sobre envelhecimento e homossexualidade. Além disso, Simões (2014) aponta de maneira sagaz e oportuna que, mais do que meramente estarmos aprendendo sobre o “envelhecimento LGBT”, esse conjunto de pesquisas em desenvolvimento estaria, sim, investigando “uma determinada experiência geracional, bem circunscrita em termos históricos, sociológicos e culturais, a dos ‘entendidos’ e ‘primeiros gays’”.



**Por fim, é preciso ter em mente também que no Brasil ainda não existe nada consolidado e desenvolvido nos moldes de uma “gerontologia LGBT” como na América do Norte.**



**Artigo 1**

Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo teve como objetivo apresentar alguns dos principais debates que entrelaçam velhice, relações de gênero e sexualidade. Iniciamos com a apresentação de um retrato sucinto do modo como investigações gerontológicas tendiam a analisar e a retratar as diferenças entre os envelhecimentos de homens e mulheres. Na sequência resumimos os debates mais recentes quanto às reconfigurações nos modos como velhice, relações de gênero e em especial sexualidade têm ganhado novos sentidos no contemporâneo, em especial no que concerne aos limites do “processo de erotização do envelhecimento” proveniente dos discursos sexo-gerontológicos atuais. E, por fim, apresentamos um olhar crítico sobre um campo de estudos gerontológicos relativamente recente, o qual, por sua vez, auxilia a ampliar o modo como concebemos a velhice para além de um panorama heteronormativo: a gerontologia LGBT. Procuramos, no entanto, mostrar igualmente que essa perspectiva corre o risco de tratar desejos e identidades sexuais como estáveis, essencialistas e mensuráveis. A complexidade das práticas e identidades não pode ser dissolvida ou resumida no binarismo homossexual x heterossexual. É preciso reconhecer sobretudo o caráter histórico e culturalmente plástico, assim como socialmente construído, tanto de práticas quanto das identidades sexuais e de gênero para além de tais binarismos e imperativos identitários. Nosso desafio, portanto, é auxiliar a ampliar o escopo das reflexões e investigações no entrelaçamento de velhice, gênero e sexualidade de modo a dar conta desta diversidade e evitar que categorias abrangentes impeçam ou limitem a aceitação, a complexidade e a proliferação das diferenças. ☺

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Andrea Moraes. *A dama e o cavalheiro*: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- \_\_\_\_\_. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 213-233, jul./dez. 2010.
- ANTUNES, Pedro Paulo Sanmarco Antunes. *Travestis envelhecem?* 2010. Dissertação (Mestrado em Gerontologia)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.
- BARRON, M. L. *The aging American*. Nova York: Thomas e Crowell, 1961.
- BRIGEIRO, Mauro. Rir ou chorar? *Envelhecimento, sexualidade e sociabilidade masculina*. 2000. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva)–Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- \_\_\_\_\_. Envelhecimento bem-sucedido e sexualidade: relativizando uma problemática. In: BARBOSA, Regina et al. (Org.). *Interfaces: gênero, sexualidade e saúde reprodutiva*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. p. 171-206.
- BRIGEIRO, Mauro; MAKSOUD, Ivia. Aparição do Viagra na cena pública brasileira: discursos sobre corpo, gênero e sexualidade na mídia. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(1): 296, janeiro-abril 2009.
- BROWN, J. Cross cultural perspectives on middle-aged women. *Current Anthropology*, 23, 2, 1982.
- BURGUESS, E. W. Introduction. In: BURGUESS, E. W. (Org.). *Aging in western societies*. Chicago: The University of Chicago Press, 1960.
- DEBERT, Guita Grin. Gênero e envelhecimento. *Estudos Feministas*, ano 2, n. 34, p. 34-51, 2º semestre 1994.
- \_\_\_\_\_. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp, 1999.
- DEBERT, G.; BRIGEIRO, M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, n. 80, outubro 2012.
- DE VRIES, Brian; BLANDO, John. The study of gay and lesbian aging: lessons for social gerontology. In: HERDT, Gilbert; DE VRIES, Brian. *Gay and lesbian aging: research and future directions*. Nova York: Springer Publishing Company, 2004.
- DUARTE, Gustavo de Oliveira. O 'Bloco das Irenes': articulações entre amizade, homossexualidade(s) e o processo de envelhecimento. 2013. Tese (Doutorado em Educação)–Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- GENKE, John. Resistance and resilience: the untold story of gay men aging with chronic illnesses. *Journal of Gay and Lesbian Social Services*, v. 17, n. 2, 2004.
- GOODY, J. Aging in non-industrial societies. In: BIRREN, J. R. et al. (Org.). *Handbook of aging and the social sciences*. Nova York: Van Nostrand-Reinold, 1976.

**Artigo 1**

Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas

- GREGORI, Maria Filomena. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex shops e S/M. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. *Sexualidades e saberes, convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 235-257.
- HARRISON, Jo. Pink, lavender and grey: gay, lesbian, bisexual, transgender and intersex ageing in Australian gerontology. *Gay and Lesbian Issues and Psychology Review*, v. 1, p. 11-16, 2005.
- HENNING, Carlos Eduardo. *As diferenças na diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC*. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)–Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Paizões, tiozões, tias e cacuras: envelhecimento, meia-idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- HUGHES, Mark. Queer ageing. *Gay and Lesbian Issues and Psychology Review*, v. 2, n. 2, p. 54-59, 2006.
- KERRY DOS SANTOS, Daniel. *Modos de vida e processos de subjetivação na experiência de envelhecimento entre homens homossexuais na cidade de Florianópolis/SC*. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia)–Programa de Pós-Graduação em Psicologia, CFH, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- KIMMEL, D.; ROSE, T.; DAVID, S. *Lesbian, gay, bisexual, and transgender aging: research and clinical perspectives*. Nova York: Columbia University Press, 2006.
- LACOMBE, Andrea. *Ler[se] nas entrelinhas: sociabilidades e subjetividades entendidas, lésbicas e afins*. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- LIMA, Tânia Gonçalves. *Tornar-se velho: o olhar da mulher homossexual*. Dissertação (Mestrado em Gerontologia)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- MOTA, Murilo P. Homossexualidade e envelhecimento: algumas reflexões no campo da experiência. *SINAIS – Revista Eletrônica – Ciências Sociais*, Vitória: CCHN, UFES, v. 1, n. 6, dez. 2009.
- NEMAN DO NASCIMENTO, Márcio. Old sertaneja song: narrating a backcountry life story about aging process in homosexuality. *Revista Temática Kairós Gerontologia, Eroticism/Sexuality and Old Age*, 16(1), p. 155-171, 2013.
- PAIVA, Cristian. Corpos/seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. *Revista Bagoas*, n. 4, p. 191-208, 2009.
- PASSAMANI, Guilherme R. *Batalha de confete no 'Mar de Xarayés': condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade*. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

- POCAHY, Fernando A. *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. 2011. Tese (Doutorado em Educação)–Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- PUGH, Stephen. The forgotten. A community without a generation – older lesbians and gay men. In: RICHARDSON, D.; SEIDMAN, S. (Eds.). *Handbook of lesbian and gay studies*. Londres: SAGE Publications, 2002. p. 161-181.
- ROSE, A. M. The subculture of aging: a topic for sociological research. *The Gerontologist*, 2, 3, 1962.
- RUSSO, Jane; TRAMONTANO, Lucas. A meia-idade e o sexo como qualidade de vida. In: SEMINÁRIO TEMÁTICO, 37., Florianópolis, SC – Envelhecimentos, Sexualidade e Relações de Gênero. *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10*, Florianópolis, 2013.
- SAGGESE, G. S. R. Homossexualidade masculina, mudança social e geração: observações de um campo em curso. In: PASSAMANI, G. (Org.). *(Contra) pontos*. Ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual: cursos da vida e gerações. Campo Grande: Editora UFMS, 2013.
- SIMÕES, Julio Assis. *Entre o lobby e as ruas: movimento de aposentados e politização da aposentadoria*. 2000. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- \_\_\_\_\_. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. *Sexualidades e saberes, convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- \_\_\_\_\_. Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. *Revista A Terceira Idade*, São Paulo: Sesc, v. 22, n. 51, junho 2011.
- \_\_\_\_\_. Gerações e identidades homossexuais entre homens: narrativa, tempo, diferença. In: ASSIS, G.; SIMÕES, L.; FUNCK, S. *Entrelugares e mobilidades: desafios feministas*. V. 3. Tubarão: Copiart, 2014.
- SIQUEIRA, Monica S. *Sou senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice*. 148f. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)–Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Arrasando horrores! Uma etnografia das memórias, formas de sociabilidade e itinerários urbanos de travestis das antigas*. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- ZAMBONI, Marcio. Dor, ressentimento e negociação: homossexualidade e soropositividade na trajetória de um herdeiro. In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE (CISO), 15, Teresina, PI. *Anais do XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste*, Teresina, PI, 2012.